
PRÁTICA PEDAGÓGICA DESAFIADORA FRENTE À DIVERSIDADE DE NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO NA SALA DE AULA

Lana Jersica A. de Lima¹
Márcia Francione S. do Nascimento²
Hostina Maria F. do Nascimento³

1. Introdução

Uma sala de aula se constitui em um espaço heterogêneo bastante positivo para o trabalho pedagógico e para o desenvolvimento dos alunos por possibilitar o contato com o diferente e assim proporcionar uma riqueza de conhecimentos e experiências que possivelmente não seriam construídos se as relações fossem estabelecidas com um grupo homogêneo, extremamente difícil de ser encontrado.

Considerando esse pressuposto, o interesse em discorrer sobre este tema emergiu de nossa participação na pesquisa “Possibilidades da pesquisa-formação na interface entre o ensino de graduação e a prática pedagógica na escola”, formalizada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC 2016/2017 e pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação – PROPEG da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A pesquisa acontece em uma escola pública localizada em um bairro periférico na cidade de Mossoró-RN e está fundamentada teórica e metodologicamente no estudo e problematização da realidade de acordo com Paulo Freire. Durante a realização da empiria, a diversidade de níveis de alfabetização percebida entre alunos das turmas de 3º ao 5º ano exigiu um olhar mais cuidadoso sobre esta especificidade.

Diante dessa realidade, nos inquietamos quanto ao modo como a docente concebe essa diversidade de níveis de alfabetização na sala de aula e almejamos identificar como ela sistematiza sua prática pedagógica visando contribuir para a alfabetização e o letramento de alunos em níveis tão distintos de alfabetização.

2. Metodologia

O estudo e problematização da realidade são imprescindíveis para que possamos conhecer e identificar os problemas inerentes ao espaço pesquisado, assim como pensar em formas e estratégias de intervenção. No que concerne ao conhecimento da realidade Freire pontua que:

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.
E-mail: lana_jalvess@hotmail.com.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail:
marcynha_pedagogia@hotmail.com.

³ Professora de graduação e pós-graduação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail:
hostinanascimento@hotmail.com.br.

A investigação dos “temas geradores” ou da temática significativa do povo, tendo como objetivo fundamental a captação dos seus temas básicos, só a partir de cujo conhecimento é possível a organização do conteúdo programático para qualquer ação com ele, se instaura como ponto de partida do processo da ação, como síntese cultural. Daí que não seja possível dividir, em dois, os momentos deste processo: o da investigação temática e o da ação como síntese cultural (FREIRE, 1987, p. 105).

O conhecimento da realidade é apresentado pelo autor como sendo o ponto de partida para qualquer ação que venha a ser pensada para o cumprimento de uma ação problematizadora/dialógica, não sendo possível que esta ocorra caso o pesquisador faça separação, no momento da investigação temática, de sua ação como sujeito participante do processo de formação dos envolvidos na realidade pesquisada.

Nesse sentido, tendo como fundamentação teórica e metodológica as ideias do autor, optamos pela pesquisa-ação. Realizamos observações participantes em que as visitas à instituição escolar, lócus de pesquisa, aconteceram semanalmente. No período em fomos à escola, permanecemos no interior da sala de aula acompanhando e auxiliando a professora e os alunos no que fosse necessário. Por meio das observações, percebermos, dentre outras coisas, a diversidade de níveis de alfabetização em algumas salas de aula. Entretanto, neste texto nos deteremos à turma do 3º ano.

Com base nos estudos e conhecimento da realidade investigada, explicitamos nosso interesse em colaborar com a equipe pedagógica da escola que nos propôs uma intervenção de forma mais ativa quanto às dificuldades apresentadas pelos alunos. Na ocasião, propomos um projeto de leitura e escrita. Contudo, precisávamos saber de fato em que nível de alfabetização cada discente estava, optamos assim por utilizar a atividade diagnóstica das “quatro palavras e uma frase”, de Ferreiro e Teberosky (1985). Por conseguinte, propomos a aplicação de atividades diagnósticas embasadas nos estudos da autora, que adaptamos à realidade vivenciada pela escola, naquele momento trabalhando com a temática das festas juninas, portanto fizemos uso deste tema na elaboração das atividades.

O diagnóstico foi realizado com os alunos das turmas do 3º ao 5º ano do turno vespertino, totalizando 102 alunos. Conforme as autoras, as atividades deveriam ser aplicadas individualmente. No entanto, tivemos receio de algum aluno se sentir constrangido e a aplicação desta forma demandaria vários dias, além da necessidade de ter um espaço na instituição reservado apenas para a execução do diagnóstico. É importante ressaltar que tudo foi pensado em conjunto com a equipe pedagógica, sendo acordado que seria mais conveniente que as atividades fossem realizadas em dia e horário específicos, dentro das salas de aulas das turmas mencionadas anteriormente.

Foram elaborados dois modelos de atividades, ambas contendo duas questões. A primeira continha quatro imagens todas referentes ao período junino cujos nomes comportavam, cada um, uma palavra monossílabo, uma dissílabo, uma trissílabo e uma polissílabo. Solicitamos aos alunos que as codificassem, conforme achassem correto. Na segunda questão, apresentamos uma sequência de imagens com as quais orientamos os discentes a elaborarem um pequeno texto. Vale salientar que nesta questão as orientações foram individualizadas, levando em consideração as informações dadas pelas docentes no que tange ao desenvolvimento dos alunos, assim como também o que percebemos durante as observações. Portanto, os alunos foram orientados a escrever frases relacionadas à sequência de imagens e, nos casos em que isso não era possível, orientávamos à escrita de palavras.

Além da observação participante e da aplicação do diagnóstico, sentimos a necessidade de fazer uma entrevista semiestruturada com a docente, almejando saber,

especialmente, como ela concebe a diversidade de níveis de alfabetização contidos em sua sala de aula e sistematiza sua prática visando contribuir para a alfabetização e o letramento desses alunos. Nesse sentido, questionamos a professora acerca de como ela faz para incluir alunos que estão em níveis anteriores ao esperado conforme o ano escolar em que estão.

Ao indagarmos qual a maior dificuldade em trabalhar com um aluno diagnosticado como estando no nível silábico, a professora salientou as atividades que envolvem leitura e cálculo, visto que o discente não tem conhecimento das letras e de alguns números e ainda apresenta dificuldades de interpretação. Ao questionarmos sobre quais ações são planejadas para incluir um determinado aluno nas atividades em sala, a professora proferiu que:

A inclusão acontece mais em atividades orais, faço perguntas. Ele adora escrever no caderno, apesar da dificuldade ele gosta muito de transcrever para se sentir participativo. Fora isso, só atividades individuais de acordo com o nível em que ele se encontra (Professora do 3º ano).

Durante as observações realizadas percebemos que de fato esse aluno participava bastante das atividades orais, assim como seu interesse em atividades desse tipo. No que se refere às transcrições dos exercícios da lousa para o caderno, apenas os primeiros escritos eram cópias fiéis, pois depois de transcritas algumas linhas, a escrita se tornava ilegível, com a repetição de letras e, às vezes, rabiscos circulares interligados entre si. Em virtude do curto período de tempo que passávamos na escola, mais especificamente uma vez na semana, não foi possível presenciar as atividades feitas de forma individual e de acordo com o nível desse aluno, como é descrito pela professora.

3. Resultados

Após a aplicação das atividades referentes ao diagnóstico fizemos uma análise das respostas elaboradas pelos alunos. Neste sentido, as leituras sobre as teorias de Ferreiro (1985) nos orientaram quanto à forma de interpretar os escritos dos alunos, a compreender o processo de aquisição da escrita e a diagnosticar o nível em que se encontravam cada um.

Como resultado do diagnóstico realizado com os 102 alunos, constatamos que 46 apresentam dificuldades de alfabetização, em sua maioria se encontrando no nível silábico alfabético. Dos 24 alunos da turma de 3º ano, treze se encontravam no nível alfabético, sete no nível silábico-alfabético, três no pré-silábico e um no silábico. Essa realidade se caracteriza como um grande desafio para a docente, tendo em vista que criar possibilidades de ações que contribuam para a alfabetização e o letramento de alunos em uma sala com expressiva diversidade de níveis de alfabetização não é fácil.

No decorrer das observações e por meio da entrevista notamos que a professora concebe a heterogeneidade na sala de aula como algo natural e inevitável, porém é notório e compreensível que ela enfrente alguns desafios ao trabalhar com essa diversidade de níveis encontrados em sua turma uma vez que se espera que os conteúdos estabelecidos para o 3º ano sejam ministrados independente de haver ou não alunos com dificuldades na leitura e na escrita. Este foi um dos desafios citados pela docente. Outro ponto destacado por ela foi a ausência do auxílio da família que, embora não seja um fator determinante, também desempenha um papel significativo. A professora salienta que sente falta de poder contar com o apoio dos pais.

Com efeito, ciente das dificuldades advindas dessa realidade, a docente, na medida do

possível, procura sistematizar sua prática de modo a incluir as crianças com maiores dificuldades de alfabetização. Um exemplo disto é o modo como a sala é organizada, permitindo que alunos menos experientes se sentem ao lado de alunos mais experientes nas carteiras da frente, próximos à professora.

A estratégia usada pela docente, embora aparentemente simples, facilita e estimula a mediação e interação entre eles, criando cotidianamente situações em que eles aprendam e ensinem uns aos outros. Neste momento nos remetemos a Vygotsky quando se refere à existência da zona de desenvolvimento proximal conceituando-a da seguinte forma:

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1991 p. 58).

A relação estabelecida com a professora e alunos mais experientes proporciona um momento de grande avanço para esses alunos, haja vista que com a colaboração destes eles conseguirão futuramente realizar sozinho atividades que antes não eram possíveis realizar sem ajuda. Assim, o que antes era um conhecimento ainda não incorporado pelo aluno passará a ser um conhecimento real.

Com relação às atividades, durante as observações presenciamos o desenvolvimento de atividades iguais para toda a turma, de acordo com os conteúdos propostos no livro didático. Entretanto, na entrevista, a professora afirma que realiza alguns exercícios conforme o nível em que se encontra o aluno. Como já foi mencionado anteriormente, não foi possível presenciarmos essas atividades.

4. Considerações finais

Assim, podemos constatar que mesmo querendo promover a evolução do processo de desenvolvimento intelectual voltado para a leitura e a escrita, muitas vezes os sistemas de ensino acabam por estigmatizar os sujeitos pelas padronizações estabelecidas. Embora saibamos que nenhuma sala de aula é homogênea, o sistema de ensino prescreve o perfil do aluno de cada ano escolar, assim como os conhecimentos que ele deve assimilar ao final de cada ano, caso o aluno não alcance as metas esperadas, sob a ótica do sistema isso significará que ambos, professor e aluno fracassaram.

Diante deste cenário, a prática pedagógica enfrenta o desafio, entre outros, da organização de alunos com conhecimentos heterogêneos em séries/anos escolares, procurando responder às exigências institucionais ao mesmo tempo em que busca a melhor contribuição para os alunos. Portanto, é notório que a docente participante da pesquisa enfrenta um grande dilema em seu cotidiano escolar, mas também é evidente que ela tem clareza dos desafios inerentes ao desenvolvimento de sua prática pedagógica e busca superar essas dificuldades, o fato de abrir as portas de sua sala de aula e aceitar nossa ajuda é um indício significativo disto.

5. Palavras-chave: Prática pedagógica. Alfabetização. Letramento. Níveis de alfabetização.

Referências

FERREIRO, Emília; TABEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4ª ed. São Paulo: Fontes Editora, 1991.